



O PANTHEON: revista quinzenal de ciencias e letras (Porto, 1800-1881) – O primeiro cabeçalho é o único que apresenta o seu subtítulo (revista quinzenal de ciencias e letras) e o nome dos dois redatores: **J. Leite de Vasconcellos** (1858-1941) e **Mont' Alverne de Sequeira** (1859-1931), dois jovens que pensaram este periódico para a classe académica da cidade do Porto. Projeto ambicioso para “redatores” de apenas 21 anos de idade, estudantes da Academia Politécnica do Porto. Esta revista, não ilustrada e de periodicidade quinzenal (sem anunciar datas), pretendia sacudir a rotina estudantil portuense e assumir-se como um dos veículos das novas ideias, principalmente das científicas e filosóficas.

Lançaram-se 24 números entre 15 de Novembro de 1880 e Outubro de 1881, durante um ano, como constatamos em dois textos: um a abrir, sem título e assinado por “A Redacção”; e outro a fechar, assinado pelo “Director-proprietário: Mont' Alverne de Sequeira” e intitulado “Duas Palavras”. O primeiro é um texto corrido, na sua primeira página, onde se anuncia: “O PANTHEON aparece no meio da classe académica de uma cidade que tem tido por divisa o progresso, e numa epocha em que a esfera da Sciencia se alarga e o ideal da Arte se eleva. Estará aberto a todas as ideias salutaras, porque se torna necessário actuar com a positividade dos factos sobre os espíritos mais atrasados, e despertar a energia nessa mocidade inactiva que amortece na atmosfera doente dos cafés, olhando para os livros como para um pesadelo [...]”. E continua: “propondo-se acompanhar o movimento intelectual moderno”¹.

No texto final “Duas Palavras” lê-se que se o seu público-alvo fosse outro, “de certo que elle tinha tido uma vida mais longa e mais próspera”; que tudo o que fizeram “não foi o bastante para despertar os nossos companheiros nas lides escolares (com notáveis excepções) da modorra que os inibe de fazer outra coisa, que não seja decorar os livros da aula” e, mais à frente, acrescenta “que foram os estudantes portuenses, nossos collegas, os assassinos d’esta revista.”²

A coleção completa é encadernada num volume e impressa na Tipografia Nacional, localizada na Rua de Santa Teresa, 18, Porto (1880-1881). É disponibilizada agora, em suporte digital, a partir de original proveniente da coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa. O volume termina com um índice de assuntos: três para “**Lettras** – Contos, Poesias e Varia” –, e sete para “**Sciencias** – Mathematica, Astronomia, Physica, Chimica, Biologia, Sociologia e Varia” –, com a respetiva paginação, sob o título “INDICE GERAL” (pp. 391-393).

Pela sua qualidade e variedade de áreas de interesse que encontramos nesta revista, incluímo-la na **Imprensa Cultural**, como categoria de periódico. Em 1894, sobre esta revista, diz Brito Aranha: “Fundada no Porto (Typ. Nacional)

¹ N.º 1 (15 Nov. 1880), p. 1.

² N.º 24 (Out. 1881), p. 389-390.

pelos srs. J. Leite de Vasconcellos e Mont' Alverne de Sequeira, sendo colaboradores, entre outros, os srs. **Guerra Junqueiro, Maximiano Lemos Junior, Silva Telles, Teixeira Bastos, Tito de Noronha** e outros. Esta publicação durou só até dezembro de 1881.”³

CONTEXTO HISTÓRICO-FILOSÓFICO

As “novas” influências filosóficas modernas frutificaram facilmente nas classes académicas, devido à falta de credibilidade política e confiança na rotatividade política para a estabilidade governativa do Portugal daquela época. O “movimento intelectual moderno” que esta revista se propunha acompanhar era a “Philosophia Positiva” do intelectual francês já falecido, Auguste Comte (1798-1857): “Com efeito o **positivismo**, mais ou menos ligado a tendências materialistas mecanistas, evolucionistas (ou mais monistas), vindas, quer de Comte e seus discípulos Littré, Herbert Spencer, quer do empirista Stuart Mill, quer dos monistas Haeckel e Buechner, inspirou homens de prestígio como Teófilo Braga [...] Teixeira Bastos; forneceu critérios de acção política republicana, transvazou para o verso, tendia quase a constituir-se numa espécie de religião laica. Claro que a crítica anterior apresenta algumas feições históricas negativas”⁴.

Sobre esta “religião”, escreve aqui, **Teixeira Bastos**: “ Mesmo em Portugal a Filosofia Positiva principia a dominar as consciências e tem adeptos no professorado, na literatura, nas artes, nas escolas superiores, na medicina, etc. **A influência do positivismo entre nós fez-se sentir brilhantemente, em 1880, por ocasião da grande solenidade popular – as festas do Tricentenário de Camões** [10 de Junho]; e promete-se estender-se cada vez mais.”⁵

Encontramos ainda outra versão sobre as mesmas comemorações do poeta Luís de Camões: “aproveitadas pelos republicanos que associam o nome glorioso de Camões ao possível e necessário renascimento da pátria. De norte a sul do país realizaram-se diversas actividades (prémios literários, inauguração de bibliotecas, de bairros populares, vendas de chapéus, de lenços e calçados à Camões) que tiveram o seu expoente em Lisboa, no grande cortejo cívico do dia 10 de Junho. **O governo do Partido Progressista e o rei D. Luís, que entenderam a iniciativa como um propósito político de movimento revolucionário, não aderiram completamente ao acontecimento.**”⁶

Outra inovação que merece a nossa referência é jornalística, e muito importante para os periódicos, por evitar atrasos e cumprir os prazos de entrega das assinaturas. E é **o primeiro acordo postal em Portugal**. Assinado em Paris, em 28 de Abril de 1880, lia-se neste acordo: “**O governo**

³ ARANHA, Brito - “PANTHEON (O)”. In *Diccionario Bibliographico Portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva* Lisboa: Imprensa Nacional, 1894, Tomo Decimo Sétimo (Decimo do suplemento), p. 138.

⁴ SARAIVA, José, e LOPES, Óscar – “Antero e a prosa doutrinal do seu tempo”. In *História da Literatura Portuguesa* (8.ª Edição, corrigida e atualizada). Porto: Porto Editora, Limitada, 1975, p. 927.

⁵ “Duas Palavras sobre o Positivismo”, In *O Pantheon*, N.º 5, p. 70.

⁶ RODRIGUES, António Simões (Coord.) – “1880”. In *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 227.

de Sua Majestade EI-Rei de Portugal e dos Algarves e o governo da Republica Francesa, desejando alargar as relações postais entre os dois países pela assinatura de jornais e publicações periódicas [...] concordam no seguinte: Artigo 1º. Os habitantes dos dois países contratantes podem procurar o intermédio das repartições postais para tomarem assinaturas de jornais, gazetas, revistas e publicações periódicas de qualquer natureza, publicadas em Portugal, França e Argel [...]”⁷.

ESTRUTURA GRÁFICA

Graficamente, *O Pantheon* é uma revista, ou “Folha”, pois os seus números ou cadernos impressos, comportam grupos de 16 páginas, exceto os n.ºs 2 e 6 que têm 20 páginas, além do “Índice Geral” (as 3 páginas finais do volume), num total de 393 páginas.

Apresenta o título em letra maiúscula, a iniciar um caderno/número e tem numeração dupla: uma seguida, à cabeça da página, e outra sequenciada no canto inferior direito, que nos informa da quantidade de números impressos na tipografia.

De referir, que só o título principal do primeiro número parece composto por letras capitais de jornais de cor negra e com uma orla branca a rodeá-las, como se recortadas e dispostas umas ao lado das outras - produto da juventude dos seus redatores?

No volume encadernado, a página frontal é a única que apresenta o título *O PANTHEON*, envolto num desenho bonito e misterioso, quase retangular, com pormenores frontais e iguais dois a dois, com pormenores metálicos, como fechos de uma caixa, cada um terminando em quatro pingentes, indicando os pontos cardeais, simbolizando abertura.

CONTEÚDOS E COLABORAÇÃO

Os conteúdos e a dimensão (23 cm) são muito semelhantes a outras revistas publicadas nos mesmos anos, como: *Era Nova: revista do movimento contemporâneo* (Lisboa:1880-1881) e o *Positivismo: revista de philosophia* (Porto:1878-1882). Até o mesmo tipo de encadernação e alguns dos colaboradores são comuns.

Encontrámos três referências a *O Pantheon* nas duas revistas acima mencionadas. Pelo mesmo autor, J. Leite de Vasconcelos, no seu artigo “Carmina Mágica do povo portuguez”, da *Era Nova*, em que remete na nota “2” (p. 527) para a página 135 do *Pantheon* [Mythologia Portuguesa: tradições populares]. E duas, por Consiglieri Pedroso, no seu artigo “Tradições Populares Portuguezas IX: as mouras encantadas” em *O Positivismo* (nota “3”, p. 371; nota “2”, p. 374), remetendo para *O Pantheon*, n.º 15, pp. 240, 255 [“As Moiras: Estudo de mythologia popular portugueza”, artigo de J. Leite de Vasconcellos].

Estes estudos “etnográficos” de J. Leite de Vasconcelos foram publicados em livros, logo em 1881, segundo informação na primeira contracapa do volume

⁷ TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989, pp. 217-218.

encadernado, encimada com o título “Obras dos Redactores do Pantheon”. Também do outro redator e escritor Mont’alverne Sequeira são mencionadas três obras literárias.

Outra revista contemporânea que se refere a *O Pantheon* é *O Occidente*, por três vezes; citamos a primeira: “*O PANTHEON, revista quinzenal de sciencias e letras*, com artigos interessantes, e entre eles, um relativo ao **Vale de Ancora, pelo nosso archeólogo Martins Sarmento**. Desejamos-lhe um futuro próspero” (“Publicações”, In *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. Lisboa, n.º 75 (21 Jan. 1881), p. 24; as restantes referências aparecem no n.º 81 (21 Março 1881), p. 72, e no n.º 83 (11 de Abril), p. 88.

Pensamos que foi incluída, mais tarde, uma página não numerada, intitulada “**Collaboradores**”, com os **45 nomes de todos os autores** para completar o já mencionado “Índice Geral”. Dividida por uma linha central, em duas colunas, esta folha não é mais do que uma lista, ordenada alfabeticamente.

Pseudónimos, descobrimos dois: Z. e Iriel. *Iriel* era o nome de guerra jornalístico de Jayme de Séguier, que assina a cultural e imperdível auto-crítica: “Chronica Bohemia: I, Os Pseudónimos de Lisboa” e respetivas continuações (N.º 20, p. 326-328; N.º 21, p. 340-342; N.º 22, p. 359-360; N.º 24, p. 388-389).

Como singular curiosidade, apenas identificamos **uma colaboradora feminina, Hermenegilda de Lacerda**, que publica um longo poema patriótico, escrito no Faial, intitulado: “1 de Dezembro de 1640” (Nº 5, pp. 74-77).

Não podemos também deixar de destacar outros distintos colaboradores: os literários: **Fialho d’ Almeida, Theophilo Braga e Antero de Quental**; e os filosóficos e científicos, como **Francisco Adolpho Coelho e Silva Telles**.

Quanto aos conteúdos, chamamos a atenção para a área da sociologia, porque ela inclui a maior parte do total das páginas impressas e também porque, hoje, academicamente, já se separou de muitas das “disciplinas” aqui indexadas, como: Arqueologia (Pré-histórica e Histórica), Historia, Viagens, Mitologia, Religiões e Tradições populares, Linguística (Linguagem popular portuguesa e Subdialetos do Galego), Filosofia, Economia política, Bibliografia e Biografias.

O Pantheon publica vários estudos académicos, poesias, contos, artigos de teor filosófico e científico, mas poucos textos jornalísticos, os quais agrupa no seu índice, com o nome de “Vária”, a mesma denominação para as “Sciencias” (p. 392), e para as “Lettras” (p. 393). Uma destas rubricas que nos parece interessante, “Crónicas: Club Academico do Porto”, inicia-se na página 117 (n.º 7) e começa assim, em forma de ata: “Realizou-se no dia 6 a sessão inaugural do **Club Academico**, que é o gérmen de uma associação que, a nosso vêr, será de futuro uma grande alavanca para o desenvolvimento e união da classe académica do Porto. Assistiram à reunião muitos estudantes de diversos cursos e o apreciado escriptor **Gastão Mesnier**, que, numa alocução scintillante de ideias, advogou a utilidade das associações como elemento poderoso da causa do progresso”.

A segunda destas crónicas, publicada no n.º 8 (p. 136), refere que este *club* inaugurou a primeira conferência científica e diz que “foi conferente o nosso

inteligente amigo e **colaborador o sr. Agostinho de Souza.**” É através destas crónicas que o leitor académico é informado sobre as atividades regulares deste *club*, o qual também viajou para participar nas “Comemorações Camoneanas em Coimbra”; compõe um “Hymno Académico do Porto (com música de Ayres Borges)” e poesia de **J. Leite de Vasconcellos**, publicado no n.º 15 (pp. 245-246).

Fechamos com uma pequena nota para a fonte documental académica que *O Pantheon* pode representar para o estudo das várias influências que se entrecruzavam nos estabelecimentos de ensino da cidade do Porto, nos anos de 1880 e 1881.

Por M. Helena Roldão

Lisboa, HML, 25 de Maio de 2013.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, Adriano da Guerra – *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.

ARANHA, Brito – *Diccionario Bibliográfico Portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva* Lisboa: Imprensa Nacional, 1894.

RODRIGUES, António Simões (Coord.) – “1880”. In *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

SARAIVA, José, e LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa* (8.^a Edição, corrigida e atualizada). Porto: Porto Editora, Limitada, 1975.

TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.